



Um ensaio sobre a prática filosófica deleuzo-guattariana entendida à luz do conceito de diagrama

Rafael Mófreita Saldanha⁷⁰

Resumo:

O presente artigo é uma tentativa de compreender qual seria a eficácia da filosofia a partir de uma leitura do livro *O que é a filosofia?* de Deleuze e Guattari. Apesar do livro desenvolver em detalhes o funcionamento da atividade filosófica a partir de uma elaboração dos seus principais elementos (conceito, plano de imanência e personagem conceitual), um aspecto menos abordado são os efeitos produzidos na realidade pela atividade filosófica. Continuamos, então com a pergunta em aberto sobre qual o sentido da filosofia para além da sua dinâmica interna. Para tentar abordar essa questão, procuramos desenvolver um outro conceito trabalhado por Deleuze e Guattari ao longo de suas obras e que parece procurar dar conta dessa mesma questão da eficácia: o diagrama. De modo que, após uma apresentação da noção de filosofia elaborada pelos autores em *O que é a filosofia?*, iremos descrever os traços principais do conceito de diagrama para, então, verificar em que medida esse conceito permite iluminar a questão da eficácia da filosofia presente na prática filosófica.

Palavras-chave: Filosofia; Diagrama; Deleuze e Guattari; Eficácia

Abstract:

This present article is an attempt to understand what sort of efficacy belongs to the notion of philosophy that is developed by Deleuze and Guattari in *What is philosophy?*. Even though we find a thorough account of the inner workings of philosophical practice through the elaboration of its main elements (the concept, the plane of immanence and the conceptual character), the question of the effects produced by the philosophical activity in reality is left mainly unexplored. Due to the lack of further elaboration of this question, the question remains open in regards to the sens of philosophy beyond its inner dynamics. To try and approach this question, we have thus chosen to develop another concept invented by the authors which seeks to grasp this same question of efficacy: the diagram. Thus, after an initial presentation of the notion of philosophy elaborated in *What is philosophy?*, we will describe the main features of the concept of the diagram so we can see if this concept does indeed allow us to get a better grasp at the efficacy involved in philosophical practice.

Keywords: Philosophy; Diagram; Deleuze and Guattari; Efficacy

Não faltam, na história da filosofia, discussões sobre *o que é a filosofia*. Pode-se dizer, inclusive, que a prática filosófica raramente é feita sem que em algum momento a pergunta pelo teor dessa investigação seja posta em jogo. Deleuze e Guattari não são exceções. No final de sua carreira, escreveram juntos um livro em que não só

⁷⁰ Doutor em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e atualmente professor substituto na UFRJ. Email: rafaelsaldanha@gmail.com.

respondiam a essa questão como procuravam desenvolver qual era a relação dessa atividade com outras práticas intelectuais. Vemos no livro uma cuidadosa elaboração dos principais elementos que compõem a atividade filosófica e que desenvolvem uma certa teoria sobre a gênese do pensamento filosófico. Apesar disso, porém, há um certo aspecto da atividade filosófica que não é tão desenvolvido no livro. Se, por um lado, conseguimos entender muito bem como os autores se posicionam com relação ao funcionamento da atividade filosófica, fica a dúvida sobre qual seria a eficácia dessa prática, o que ela produz e qual o efeito disso na realidade. É por isso que decidimos procurar entender a prática filosófica a partir de um outro conceito deleuzo-guattariano que nos parece invocar o problema da eficácia. Trata-se do conceito de *diagrama*, que é pouco desenvolvido ao longo da obra dos dois autores. Nosso objetivo aqui é, então, fazer uma investigação sobre o que esses autores entendem como a atividade filosófica e esquematizar o conceito de diagrama para, em seguida, relacionar os dois conceitos com vistas a compreender em que sentido a filosofia é uma prática que gera efeitos na realidade e quais efeitos são esses.

*

A filosofia, segundo Deleuze e Guattari em *O que é a filosofia?*, é criação de conceitos: “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos.”(DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 10)⁷¹.. Não se trata de uma investigação ou descrição de uma realidade já dada, mas de uma certa construção. Um conceito não é, pois, uma mera proposição, ele não é redutível a uma afirmação feita no vazio à qual poderíamos atribuir um valor de verdade caso a proposição corresponda, ou não, a um estado de coisas. O conceito não diz respeito a um estado de coisas, ele irá *dizer um acontecimento*.

Isso significa que ele tem uma hora e que ele diz respeito a um problema. Trata-se da *hora do acontecimento*, que não é um momento temporal historicamente qualificado. É simplesmente um ponto de transformação no tempo. O momento em que um presente é substituído pelo outro.⁷² Mas o movimento de transformação que se opera também não produz uma obsolescência do conceito, ele O movimento peculiar que

⁷¹ Um olhar rápido sobre a filosofia no ocidental já deixa bem claro que, no mínimo, o conceito é um elemento central dessa atividade — de Platão e Aristóteles ao pensamento Moderno e Contemporâneo, encontraremos instâncias infundáveis de conceitos com os quais os filósofos não pararam de se ocupar. É claro que se pode discutir *o que é um conceito*, ou o que se faz com ele, e são justamente essas questões são desenvolvidas ao longo do livro.

⁷² Cf. ZOURABICHVILLI, François. *Deleuze, uma filosofia do acontecimento*. São Paulo: Editora 34, 2016.

ocorre o tempo inteiro – e que, em certo sentido, podemos chamar da história da filosofia – é que ao mesmo tempo que os conceitos estão intimamente ligados aos problemas que os suscitaram, eles podem sempre ser transformados a partir de outros acontecimentos. A quebra que um acontecimento gera ao marcar um antes e um depois não destrói o que existia antes, mas o transforma a partir desse novo tempo que se instaura. Ocorre uma retrotransformação dos problemas e das situações que existiam antes desse (novo) corte. O conceito antigo, de um problema (agora) antigo, se torna um conceito passado. Como porém o que está em jogo agora é outro problema, de um outro acontecimento, o antigo conceito, tornado passado, se reposiciona de outra forma diante do novo problema.⁷³ De modo que é possível dizer que os conceitos não param de mudar *fora do tempo*. Isso significa que os conceitos, uma vez criados, não deixam de ecoar em cada novo corte temporal. Também significa que a filosofia sempre opera sobre um tabuleiro já posto e que todo ato de destruição é ao mesmo tempo um movimento de reconstrução.

A verdade do conceito não pode, portanto, estar relacionada a um estado de coisas. Pensar nesses termos é já subscrever à imagem do pensamento denunciada por Deleuze em *Diferença e Repetição* que toma a nossa relação como um mero ato de reconhecimento das coisas⁷⁴. O que pode, sim, conferir um valor de verdade ao conceito é, então, *um problema*, uma situação que desarticula as nossas categorias conceituais — é a partir dele que se consegue evitar que a filosofia se transforme em mera opinião. Pode-se, então, dizer que o conceito não responde a uma pergunta posta previamente, ou mesmo *perennis*, pois

as condições do problema filosófico estão sobre o plano de imanência que ele supõe (a que movimento infinito ele remete na imagem do pensamento?) e as incógnitas do problema estão nos personagens conceituais que ele mobiliza (que personagem precisamente?). (DELEUZE; GUATTARI, 2007, pp. 105-106)

Isso significa que a determinação do problema só pode ser contemporânea à criação do conceito⁷⁵, instauração do plano de imanência (delimitação dos limites do

73 “Os conceitos têm sua maneira de não morrer, e todavia são submetidos a exigências de renovação, de substituição, de mutação, que dão à filosofia uma história e também geografias agitadas, das quais cada momento, cada lugar, se conservam, mas no tempo, e passam, mas fora do tempo.” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 16)

74 Cf. DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006. pp. 196-198.

75 “É [o conceito] absoluto como todo, mas relativo enquanto fragmentário. É infinito por seu sobrevoou ou sua velocidade, mas finito por seu movimento que traça o contorno dos componentes. (...) A relatividade e a absolutidade do conceito são como sua pedagogia e sua ontologia, sua criação e sua autoposição, sua idealidade e sua realidade. Real sem ser atual, ideal sem ser abstrato... O conceito define-se por sua consistência, endoconsistência e exo-consistência, mas não tem referência: ele é auto-

que é pensável em determinada filosofia⁷⁶) e invenção do personagem (articulação do sujeito ou ponto de vista de uma filosofia⁷⁷).

Podemos agora enxergar com mais clareza os aspectos positivos do problema: ele é propriamente o sentido que se estabelece a partir da articulação entre esses três elementos, um sentido que aponta sempre para um acontecimento, isto é, para algum corte produzido por alguma transformação que não conseguimos dar conta com nosso quadro conceitual atual. Vê-se aí em ação um *leitmotif* de toda a obra de Deleuze (que remete a Bergson) que diz que um problema bem posto é um problema resolvido. Os autores alertam, porém, que “isso não quer dizer que um problema é somente a sombra ou o epifenômeno de suas soluções, nem que a solução é apenas a redundância ou a consequência analítica do problema.”(ibidem, p.106) O que ocorre é exatamente o contrário, a determinação de um problema é o movimento de feedback entre os três elementos da criação filosófica, de modo que cada elemento é determinado correlativamente aos outros dois.

E onde entra então a “verdade” do problema? Bem, a verdade do problema é justamente a capacidade desse problema de se colocar, pois “nenhuma regra e sobretudo nenhuma discussão dirão a princípio se é o bom plano, o bom personagem, o bom conceito, pois é cada um deles que decide se os dois outros deram certo ou não.” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 107) A verdade de um problema tem a ver, portanto, com a sua capacidade de articular as suas condições (plano) e as suas incógnitas (personagens) com suas soluções (conceitos). *Isso significa que os conceitos (talvez a superfície da atividade filosófica) só funcionam na medida em que se articulam em um problema a partir do plano que ela traça e dos personagens que movimentam essa criação.* O que necessariamente implica uma dose de pragmatismo pois o acontecimento que nos move e que nos abala, nos pondo em movimento, é sempre também um acontecimento *para nós*. Não se trata de um problema prévio, mas algo com que *nós* não conseguimos lidar, do qual não possuímos representação e que, por isso, acaba nos ocupando de maneira violenta. Quando encontramos questões

referencial, põe-se a si mesmo e põe seu objeto, ao mesmo tempo que é criado. O construtivismo une o relativo e o absoluto.” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 34)

76 “O plano de imanência não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem do pensamento, a imagem que ele se dá do que significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento.” (Ibidem, p. 53)

77 “Os personagens conceituais constituem os pontos de vista segundo os quais planos de imanência se distinguem ou se aproximam, mas também as condições sob as quais cada plano se vê preenchido por conceitos do mesmo grupo.” (Ibidem, p. 99)

prévias e perenes estas só podem ser *falsos problemas*, já que eles não se ligam a nenhum acontecimento, mas a algo já dado, do âmbito da reconhecimento e do já sabido. Mas mesmo quando conseguimos elaborar uma solução (i.e. o conceito) e acabamos determinando o problema, somos remetidos, pelas curvas do plano de imanência, para outras questões, pois a cada conceito que criamos outras questões se tornam possíveis.⁷⁸

Fica, então, evidente que a filosofia é uma atividade que acontece justamente durante choques sísmicos inesperados. A verdade até aparece na prática filosófica, mas nunca como uma verdade das proposições e sim como um verdadeiro problema, de modo que ela, a verdade, é sempre subordinada a categorias como “o interessante” (para o conceito), “o notável” (para o personagem), “o importante” (para o plano). A inversão que se opera sobre a noção tradicional se completa nesse ponto. Se na tradição filosófica é comum privilegiarmos o conceito como algo que *designa* um objeto, um mero jogo de correspondência certo ou errado, o que Deleuze e Guattari propõem é que o conceito não tem referência. Ele é autoposição, e isso implica que ao invés do conceito explicar ou descrever o mundo, ele é um mundo que emerge ou se delinea de uma criação conceitual *a partir das limitações reais* fornecidas pelo problema.

*

É a partir dessa elaboração positiva da atividade filosófica — e dessa sua capacidade de *criar mundos* — que gostaria de sugerir que o conceito filosófico tem uma proximidade com o conceito de *diagrama*. Meu interesse por esse conceito estranho de Deleuze e Guattari vem justamente do fato de que os diagramas que aparecem na sua obra (em trabalhos conjuntos mas também nos trabalhos separados) parecem sempre ser algo que não representa algum objeto ou situação, mas algo que configura [um]a realidade. Como escreveu Tatiana Roque em um artigo sobre esse assunto, “o diagrama, como veremos, não é uma representação. Ele faz existir um ser do qual não se saberia falar de outra forma a não ser por meio do diagrama.” (ROQUE, 2015, p. 88) O interesse em se pensar o conceito filosófico a partir dos *diagramas* é que isso nos permite especular de modo mais concreto sobre que tipo de eficácia a filosofia pode ter.

78 “uma nova curvatura do plano, que não tínhamos visto de início, vem relançar o conjunto e colocar novos problemas, uma nova série de problemas, operando por empuxos sucessivos e solicitando conceitos futuros, por criar (nós nem mesmo sabemos se não é antes um novo plano que se destaca do precedente). Inversamente, pode acontecer que um novo conceito venha insinuar-se como uma cunha entre dois conceitos que acreditávamos vizinhos, solicitando por sua vez, sobre a mesa da imanência, a determinação de um problema que surge como uma espécie de ponte.” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 107)

Não temos a intenção aqui de traçar uma genealogia desse conceito na obra de Deleuze e/ou Guattari, algo que já foi feito, parcialmente, por outros.⁷⁹ Vamos, no entanto, apontar brevemente as aparições do conceito ao longo de sua obra. Inicialmente ele aparece nos trabalhos de Guattari posteriores a *O anti-Édipo* e que serão coletados na primeira edição de *Revolução molecular*,⁸⁰ sobretudo na parte final, *Échafaudages sémiotiques*. Na ocasião o conceito aparece como uma forma de tentar escapar ao privilégio que o conceito de significante adquire na filosofia francesa a partir dos anos 60. O diagramático (também pensado como um regime de signo a-significante), surge como uma tentativa de superar esse modelo de signo excessivamente preso à linguagem humana ou a uma visão do signo como pura representação de objetos já dados. O conceito continuará a aparecer na obra de Guattari, mas sempre sem um tratamento frontal e extensivo, como não é incomum em sua obra. Veremos o conceito aparecendo em todos os seus livros seguintes, *O inconsciente maquínico*, *Linhas de fuga*— passando por *Mil Platôs* —, *Cartografias esquizoanalíticas*, *Caosmose*, etc. Apesar de variações e acréscimos que são observáveis no conceito ao longo do tempo, em Guattari encontraremos ele sempre associado aos mesmos elementos, de modo que o conceito possui no seu tratamento uma continuidade explícita, ainda que as suas aparições nem sempre sejam absolutamente concordantes entre si.

Se na obra de Guattari o conceito aparece como fruto de uma espécie de obsessão com certos temas (sobretudo a partir do confronto com a linguística estrutural), em Deleuze ele ganha a forma de uma experimentação em um campo. O *diagrama* acaba funcionando como um espaço para se pensar as relações entre o virtual e o atual. Em sua obra, o conceito de diagrama aparece primeiramente⁸¹ em um ensaio sobre *Vigiar e punir*, de Foucault,⁸² para lidar com o caráter não-representativo [*ergo* diagramático] da figura do pan-óptico. Depois, o conceito aparecerá em *Mil Platôs*, inserido na problemática guattariana, isto é, voltado para as discussões com a linguística e a semiótica. Em seguida, nos cursos sobre Francis Bacon e no livro que se originou desse curso vemos a tentativa de pensar o diagramático como aquilo que conduz a

79 Encontramos uma análise das aparições do conceito na obra de Deleuze em BATT, Noëlle. “L’expérience diagrammatique: vers un nouveau régime de pensée” in: *Théorie, Littérature, Enseignement*. Paris: Presses Universitaires de Vincennes. n. 22, 2004, pp. 5-28. Quanto à obra de Guattari, sugerimos consultar Watson, J. *Guattari’s diagrammatic thought*. Nova Iorque: Continuum, 2009.

80 Cf. GUATTARI, F. *La révolution moleculaire*. Paris: Les Prairies ordinaires, 2012a.

81 Cf. BATT, Noëlle. 2004, p. 9.

82 Cf. DELEUZE, Gilles. “Écrivain non: un nouveau cartographe” in: *Critique*. Paris: Éditions de Minuit, n. 343, 1975, pp. 1207-1227.

pintura para fora do regime visual da representação ao operar uma ligação entre o não-figurativo e a pintura propriamente dita a partir do papel da mão nessa arte figurativa. Por fim, vemos o conceito ser retrabalhado em *Foucault*, agora tentando abordar o modo de eficácia específico do diagrama nas relações sociais. A impressão que fica é de que Deleuze de fato nunca chegou a bater o martelo sobre esse conceito, de modo que ele se apresenta em sua obra (diferentemente do que na de Guattari), mais como um *problema* que ele buscava determinar (e que ele tentou determinar pelos ângulos mais diversos) do que um conceito propriamente dito.

É a partir da incompletude desse conceito que gostaria de pegar a deixa para pensar a prática filosófica. Se o conceito de diagrama é algo que nem em Guattari nem em Deleuze receberá uma formulação definitiva, ensaiaremos aqui a possibilidade de a partir do que os autores especularam sobre ele, construir alguma espécie de unidade — unidade entendida aqui como a *endoconsistência* de que falamos anteriormente — que teria como objetivo esclarecer o funcionamento da prática filosófica.

Se, conforme pretendo defender aqui, o diagrama pode ser entendido como uma espécie de máquina que cria perspectivas (mundos possíveis), isso permitiria encarar a filosofia de outra forma, visto que ela própria, como vimos, seria uma tentativa de engendrar *novas perspectivas* mais interessantes para nós (ainda que isso não seja algo sempre no nosso controle).

*

O primeiro traço do diagrama que gostaríamos de apontar é seu modo de existência específico, mas, para isso precisamos explicar uma distinção que ocorre na filosofia de Deleuze e Guattari a partir da obra do linguista Hjelmslev, isto é, a distinção entre *forma de conteúdo* e *forma de expressão*. Os autores se apropriarão, em *Mil Platôs*, dessa distinção para conseguir fugir do modelo tradicional de conceber a realidade, isto é, o hilemorfismo aristotélico que partilha as coisas em *matéria e forma*. De uma maneira muito breve, podemos descrever esse modelo como concebendo aquilo que nos aparece como efeito da junção entre uma *matéria passiva* e uma *forma ativa*. Isso significa tanto que as formas só ganham realidade na medida em que se encarnam sobre uma matéria (que funciona como um receptáculo), mas que a matéria, por sua vez, não tem como aparecer se ela não for enformada — diferenciada — a partir de uma imposição externa (seja essa imposição provinda de alguma realidade mais profunda —

caso do platonismo vulgar – ou de algum sujeito que experimenta a realidade – caso de um kantismo vulgar).

A grande sacada de Hjelmslev, prontamente apropriada por Deleuze e Guattari, é que o conteúdo e expressão (os equivalentes respectivos à matéria e forma no sistema hjelmsleviano) já possuem em si um princípio de diferenciação entre um aspecto *formal* e outro *material*. De modo que: “A ‘forma’, nesse sentido geral, define-se como o conjunto total, mais exclusivo, das marcas que, segundo a axiomática escolhida, são constitutivas das definições.”(HJEMSLEV, 1991, p. 59) A forma de conteúdo pode ser concebida como a regra de repartição que rege uma determinada multiplicidade material, como, por exemplo, a maneira específica como o espectro de cores será repartido em cores diferentes, repartição que variaria de língua em língua. A forma de expressão, por sua vez, seria a regra da repartição de uma determinada operação de categorização, como por exemplo os recortes diferentes nos mecanismos de emissões vocais sob o qual diferentes línguas se fundam — penso aqui na diferença entre as vogais numa língua latina qualquer e no mandarim. Para usar uma expressão de Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, podemos dizer que o que temos em jogo nessa distinção entre forma de conteúdo e forma de expressão é, respectivamente, a diferença entre um *sistema pragmático* um *sistema semiótico*. De modo que quando procuramos entender a realidade das coisas

é preciso encontrar o conteúdo e a expressão, avaliar sua distinção real, sua pressuposição recíproca, suas inserções fragmento por fragmento. (...) a expressão devém um *sistema semiótico*, um regime de signos, e o conteúdo, um *sistema pragmático*, ações e paixões. É a dupla articulação rosto-mão, gesto-fala, e a pressuposição recíproca de ambos. (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 233)

Forma de expressão e forma de conteúdo são as maneiras específicas que aquilo que nos aparece toma forma. O fundamental, porém — e um elemento que afasta os autores do hilemorfismo clássico — é que não se trata de um dualismo entre um elemento passivo e um ativo.⁸³ Trata-se do entrelaçamento entre duas *formas ativas*

83 Ainda que, como os autores sublinham, haja uma assimetria na relação entre eles, “num outro sentido, diremos que a distinção subsiste, e mesmo é recriada, no estado de *traços*; existem traços de conteúdo (matérias não formadas ou intensidades) e traços de expressão (funções não formais ou tensores). A distinção é inteiramente deslocada, ou mesmo nova, visto que concerne agora a pontas de desterritorialização. Com efeito, a desterritorialização absoluta implica um ‘desterritorializante’ e um ‘desterritorializado’, que se repartem em cada caso, um para a expressão, o outro para o conteúdo, ou *inversamente*, mas sempre de modo a veicular uma distinção relativa entre os dois. Por isso, a variação contínua afeta necessariamente o conteúdo e a expressão conjuntamente, mas nem por isso deixa de distribuir dois papéis dissimétricos como elementos de um só e mesmo devir, ou como os quanta de um só e mesmo fluxo. Donde a impossibilidade de definir uma variação contínua que não afetasse ao mesmo tempo o conteúdo e a expressão tornando-os indiscerníveis, mas também que não procedesse por um ou

que operam recortes de naturezas distintas no plano caótico da realidade e que não são intrinsecamente relacionadas. Em seu livro sobre Foucault, com um vocabulário ligeiramente diferente, Deleuze diz que é do entrelaçamento entre o *visível* [conteúdo] e o *enunciável* [expressão] que as coisas aparecem para nós — de modo que essa junção produziria o *ponto de vista* no real. O mundo, as coisas, objetos — ou os *estratos*,⁸⁴ para usar outro conceito de Deleuze e Guattari — seriam efeitos desse entrelaçamento.

O diagrama surge então como aquilo que opera essa junção, pois ele seria “a exposição das relações de força que constituem o poder”. (DELEUZE, 2005, p. 46) O que significa que o diagrama não aparece nem como conteúdo nem como uma forma, ele é algo que existe para além dessa distinção. Por ser o próprio produtor dessa distinção, ele “não tem nem substância nem forma, nem conteúdo nem expressão.”(DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 105) O diagrama, também chamado de máquina abstrata,⁸⁵ tem, portanto, uma existência entre os estratos, pois “entre o visível e o enunciável, [há] uma abertura, uma disjunção, mas essa disjunção das formas é o lugar, o ‘não lugar’, diz Foucault, onde penetra o diagrama informal”.(DELEUZE, 2005, p. 47) Encontramos uma formulação semelhante nas elaborações de Guattari:

Aquilo que está “por trás” do enunciado linguístico, “por trás” da semiotização perceptiva, etc., é uma máquina abstrata [diagrama] que escapa às coordenadas de existência (espacial, temporal e de substância de expressão). Esse objeto, no coração do objeto, não é localizável, não é localizável em uma espécie de céu das representações. Ele está ao mesmo tempo “na mente” e nas coisas. Ele está fora das coordenadas. Seu carácter de maquinismo desterritorializante o faz passar através das coordenadas linguísticas e das coordenadas de existência. Ele não é nem objeto mental, nem objeto material. (GUATTARI, 2012a, p. 511)

pelo outro, para determinar os dois pólos relativos e móveis daquilo que se torna indiscernível. É assim que se deve definir ao mesmo tempo traços ou intensidades de conteúdo, e traços ou tensores de expressão (*artigo indefinido, nome próprio, infinitivo e data*) que se revezam, arrastando-se uns aos outros alternadamente, no plano de consistência.” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 243)

84 “Os estratos são fenômenos de espessamento no Corpo da terra, ao mesmo tempo moleculares e molares: acumulações, coagulações, sedimentações, dobramentos. São Cintas, Pinças ou Articulações. Tradicionalmente, distingue-se, de modo sumário, três grandes estratos: físico-químico, orgânico, antropomórfico (ou ‘aloplástico’). Cada estrato, ou articulação, é composto de meios codificados, substâncias formadas. *Formas e substâncias, códigos e meios* não são realmente distintos. São componentes abstratos de qualquer articulação. Um estrato apresenta, evidentemente, formas e substâncias muito diversas, códigos e meios variados. Portanto, possui a um só tempo Tipos de organização formal e Modos de desenvolvimento substancial diferentes, que o dividem em *paraestratos e epistratos*: por exemplo, as divisões do estrato orgânico. Os epistratos e paraestratos que subdividem um estrato podem, por sua vez, ser considerados como estratos (de modo que a lista jamais é exaustiva). Apesar de suas distintas formas de organização e desenvolvimento, nem por isso um estrato qualquer deixa de ter uma unidade de composição. A unidade de composição diz respeito aos traços formais comuns a todas as formas ou códigos de um estrato, e aos elementos substanciais, materiais comuns a todas as suas substâncias ou meios.” (Ibidem, p. 230)

85 Um dos outros nomes do *diagrama*, como vemos nessa deixa de Deleuze e Guattari: “Existe diagrama cada vez que uma máquina abstrata singular funciona diretamente em uma matéria.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 106)

Justamente por ser aquilo que faz forma de conteúdo e forma de expressão aparecerem (isto é, por ser a sua condição) é que ele não pode concebido a partir de algum desses elementos (seja material, seja mental).

Podemos apontar então, como um outro elemento do diagrama, seu caráter biface; uma face virada para o abstrato e outra para o concreto. Sobre a pintura de Bacon, Deleuze fala sobre como, em sua face abstrata, o diagrama “é um caos, uma catástrofe, mas também um germe de ordem ou de ritmo. É um violento caos em relação aos dados figurativos, mas é um germe de ritmo em relação à nova ordem da pintura: ele abre ‘domínios sensíveis’”(DELEUZE, 2007, p. 104). Mas não devemos confundir essa face com o caos em si, visto que o caótico é aquilo que é sem qualquer ordem. Isso nos obriga a perguntar pela outra face do diagrama, pois apenas a partir do processo de estabilização desses elementos caóticos é que o diagrama se torna visível⁸⁶. Sem esse movimento de estratificação, não conseguiríamos falar de um diagrama, já que essa virtualidade caótica de onde o diagrama emerge (para então se encarnar em agenciamentos concretos) é sempre da ordem de uma microagitação, ou é a “velocidade infinita do caos” em que “as forças estão em perpétuo devir.”(DELEUZE, 2005, p. 92) Não é, portanto, a partir do seu lado caótico que poderemos identificar *um* diagrama. Precisamos olhar para a sua face concreta. Desse ponto de vista podemos dizer que

o diagrama, ou a máquina abstrata, é o mapa das relações de força, mapa de densidade, de intensidade, que procede por ligações primárias não-localizáveis e que passa a cada instante por todos os pontos (...). Mas não deixa de ser verdade que o diagrama age como uma causa imanente não-unificadora, estendendo-se por todo o campo social: a máquina abstrata é como a causa dos agenciamentos concretos que efetuam suas relações; e essas relações de força passam, ‘não por cima’, mas pelo próprio tecido dos agenciamentos que produzem. (ibidem, p. 46)

Em sua face concreta, portanto, o diagrama não é qualquer *coisa* que podemos apontar e dizer e destacar de maneira simples, ele é sempre algo que aparece em todos os pontos daquilo que ele produz, de maneira distribuída, sem se identificar com aquilo. Não é à toa que Deleuze, de novo em *Foucault*, irá dizer que ele age de maneira imanente. Mas o que significa ser causa imanente nesse contexto? Significa que ela age na medida em que se diferencia em seus efeitos, que essa causa está integrada ao seu efeito apesar de operar por meio de uma diferenciação de si própria⁸⁷. Há um caráter *divergente* na eficácia do diagrama na medida em que a sua face concreta está numa relação de diferenciação com a sua face abstrata.

86 Cf. DELEUZE, Gilles. *Foucault*, 2005. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 92

87 Cf. DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 46) Não estamos muito distantes, também, da maneira que Deleuze em *Diferença e repetição*.

Eis o que implica o caráter biface do o *diagrama*⁸⁸. Ao mesmo tempo que ele produz essa realidade ele apenas aparece retroativamente a partir das relações materiais que engendra. Pode-se observar de maneira especialmente clara esse duplo caráter do diagrama em um exemplo banal que Guattari discute em seu *Caosmose*. Se pegarmos uma chave e sua fechadura encontramos nesse par tanto uma realidade material desses objetos como também um diagrama (“formas ‘formais’, diagramáticas”⁸⁹) que possibilita essa relação. No que diz respeito à realidade material da chave e da fechadura fica evidente que se trata de coisas que podem se transformar. As chaves e as fechaduras, com o tempo, não deixam de sofrer desgastes ou se oxidarem. Com isso em mente, podemos dizer, então, que o elemento diagramático não seria nenhuma configuração específica da chave ou da fechadura, mas “um *continuum* incluindo toda a gama dos perfis F[orma chave] e F[orma fechadura], compatíveis com o acionar efetivo da fechadura.” (GUATTARI, 2012b, p. 54) O diagrama é a *condição* dessa relação, dessa *capacidade* que é a chave abrir a porta. Mas, por outro lado, ele só pode ser pensado quando retroprojetado a partir de um limite das transformações respectivas entre chave e fechadura. É claro que esse exemplo é relativamente simples, mas ele serve para iluminar a maneira como o diagrama ao mesmo tempo condiciona uma realidade sem que ele possa ser conhecido para além da sua aparição. Ele é um campo indefinido — mas não infinito — de capacidades ou possibilidades.

Tendo agora em mãos uma distinção de natureza entre um diagrama (uma “máquina abstrata”) e a sua atualização (“máquinas concretas”, “agenciamentos concretos”),⁹⁰ podemos compreender o que um diagrama faz. Como já adiantamos, um diagrama produz perspectivas. Isso fica evidente nessa passagem de *Mil Platôs*:

Ela tem, antes, um papel piloto. Isso ocorre porque uma máquina abstrata ou diagramática não funciona para representar, mesmo algo de real, mas constrói um real por vir, um novo tipo de realidade. Ela não está, pois, fora da história, mas sempre 'antes' da história, a cada momento em que constitui pontos de criação ou de potencialidade. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 106)

88 Como diz Roque, “a dimensão do diagrama pode ser dita abstrata, porque não concerne às encarnações concretas (funções finalizadas organizadas) que a atualizam; mas ela é também real (e não somente pensada), pois cartografa funções e matérias informais que se estendem por todo o tecido social, e que agem positivamente sobre ele.” (ROQUE, 2015, p. 97)

89 GUATTARI, Félix. *Caosmose*. São Paulo: Editora 34, 2012b. p. 54

90 A importância dessa distinção é realçada por Deleuze em uma carta à Joseph Emmanuel Voeffrey. Na ocasião o autor a partir de um vocabulário mais próximo ao *Diferença e Repetição*, ainda que ele mesmo opere a tradução daqueles conceitos para os termos mais recentes de *Mil Platôs*. Cf. Deleuze, Gilles. *Lettres et autres textes*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2015. pp. 89-90

Ainda precisamos, porém, explicar como ocorre essa criação. Segundo Deleuze e Guattari, o diagrama opera ao dissolver os estratos atuais num movimento em que “tudo foge, tudo cria, mas jamais sozinho; ao contrário, com uma máquina abstrata que opera os *continuuns* de intensidade, as conjunções de desterritorialização, as extrações de expressão e conteúdo.”(Ibidem) Não se trata de uma dissolução material — embora uma certa transformação se opera ao fim desse movimento —, mas de uma recodificação dos traços formais que compõem os corpos em determinado estrato. Como diz Deleuze, o diagrama opera ao transformar o aspecto formal das coisas estruturando elas a partir de uma outra rede de sentidos. Como exemplo disso podemos lembrar a maneira como Marx, ao longo da sua obra mas também em sua prática (junto a outros tantos), reformula a posição do trabalhador a partir de uma outra rede de relações e conexões, de modo a reorientar (e de certa forma inventar) completamente a luta política no entorno desse personagem.

Isso não acontece, porém, por qualquer desejo voluntarista. Esse movimento acontece na medida em que os corpos são confrontados com seus limites reais, passam por encontros que os forçam a ultrapassar a situação em que estavam — ou seja, o tipo de transformação que estamos descrevendo aqui é sempre fruto de um encontro que desestabiliza a maneira como os corpos se organizavam. Não é, pois, sem razão que, ao discutir a pintura, Deleuze dirá que o diagrama tem como um dos seus alvos o clichê, isto é, a forma morta⁹¹. Pode-se dizer então que nessas situações em que os diagramas-clichê se esgotam, o novo diagrama opera por meio da dissolução dessa forma morta para dar espaço a uma nova disposição das coisas. Nesse movimento de desterritorialização, os traços que estavam organizados como determinadas formas de expressão e formas de conteúdo se encontram livres para se reorganizarem de uma nova forma. O que determina essa nova forma é algo mais complicado de saber, pois justamente aquilo que produz é aquilo que não tem forma e nem pode ser qualificado fora da sua articulação posterior em formas de conteúdo e formas de expressão. Em sua face abstrata, portanto, “o diagrama é altamente instável ou fluido, não pára de misturar matérias e funções de modo a constituir mutações.”(DELEUZE, 2005, pp. 44-45) Não podemos ter acesso ao diagrama salvo pela sua face concreta. É por isso que Roque diz, ao comentar Deleuze comentando Francis Bacon, que

91 “O caos e a catástrofe são o desabamento de todos os dados figurativos; já são, portanto, uma luta, a luta contra o clichê, o trabalho preparatório (tanto mais necessário quanto menos somos inocentes).” (DELEUZE, 2007, p. 113)

há uma redistribuição das relações que compunham a primeira figura (o pássaro) em outras relações que constituem a segunda. Essas relações já estão presentes no diagrama, naquilo que ele sugere, mas se constituem de fato ao saírem do diagrama. Os traços são transladados de uma figura a outra como um princípio condutor, e não como uma forma. Há uma modulação que leva de um a outro, que articula a passagem de um passado a um futuro. As duas efetuações se dão pela via de uma zona de transição. (ROQUE, 2015, p. 96)

O que isso implica é que aquilo que conseguimos produzir a partir do diagrama é que nos dá a medida e o acesso ao diagrama. O que é assustador nessa operação é que ela não tem como não ser cega.⁹²

Retomando algo que dissemos, é preciso lembrar que é do entrelaçamento entre uma forma de conteúdo e uma forma de expressão operada pelo diagrama que decorre a formação das coisas, ou seja, dos estratos que povoam uma perspectiva. Na realidade, pode-se dizer que os estratos são o próprio movimento de formalização e explicitação das distinções entre forma de expressão e forma de conteúdo. Se no plano diagramático as distinções entre conteúdo e expressão eram intensivas, os estratos se formam no momento em que essas diferenças se tornam extensivas:

É aí que surge uma dupla articulação que irá formalizar os traços de expressão por sua conta, e os traços de conteúdo por sua conta, e que irá fazer, com as matérias, substâncias formadas físicas ou semióticas, com as funções das formas de expressão ou de conteúdo. A expressão constitui assim índices, ícones ou símbolos que entram em regimes ou semióticas. O conteúdo constitui assim corpos, coisas ou objetos, que entram em sistemas físicos, organismos e organizações. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 107)

Os diagramas estão sempre operando na realidade, produzindo as perspectivas a partir das quais vivemos nossas vidas.⁹³ Não me parece errado dizer, inclusive, que a imagem do pensamento dogmática que é criticada por Deleuze em *Diferença e Repetição* é ela própria efeito de um diagrama. O que se pode acrescentar é que o desgaste dos diagramas não deixa também de produzir efeitos. Se os diagramas produzem estratos, os estratos, por sua vez, “substancializam as matérias diagramáticas, separam um plano formado de conteúdo e um plano formado de expressão”(ibidem) e “fazem reinar um dualismo que não cessa de se reproduzir ou de se redividir. Interrompem os *continuums* de intensidade, introduzindo rupturas de um estrato ao outro”(ibidem) O efeito disso é que os corpos recaem em limites meramente formais (isto é, morais), abrindo novamente o espaço para o surgimento de novos diagramas. É possível dizer, então, que há uma dinâmica de *feedback* entre estratos e diagramas, onde

92 “É uma máquina quase muda e cega, embora seja ela que faça ver e falar.” (DELEUZE, 2005, p. 44)

93 “As máquinas abstratas não existem simplesmente no plano de consistência onde desenvolvem diagramas, elas já estão presentes, envolvidas ou 'engastadas', nos estratos em geral, ou mesmo estabelecidas nos estratos particulares onde organizam simultaneamente uma forma de expressão e uma forma de conteúdo.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 109)

a consolidação de um sempre leva para o seu esgotamento e a abertura para que o outro tome o seu lugar⁹⁴.

Me parece que esse *feedback* nos ajuda a entender como perspectivas são criadas, como condicionam a experiência até um ponto em que se tornam diluídas pela estratificação que produziram. Nesse ponto, porém, os limites desgastados não conseguem mais dar conta das relações reais dos corpos e um novo recorte do real é operado. É justamente a estratificação e o desgaste do diagrama que permitem a proliferação de outro diagrama. Por sua vez, é a incapacidade dos estratos coagularem e ossificarem todas as vias da realidade, bloquearem todas as linhas de fuga, delimitarem *de uma vez por todas* os limites de um corpo, que deixa uma abertura para tudo se transformar mais uma vez.⁹⁵

*

Estamos imersos em diagramas. Nossos pontos de vista são condicionados por elementos que delimitam previamente nossas capacidades. A pergunta que surge é então: podemos *operar os diagramas*? Eles podem ser *produzidos, criados por nós*? Essa pergunta é importantíssima, considerando a hipótese que nos interessa, isto é, da possibilidade do *conceito filosófico ser compreendido à luz do diagrama*. Como vimos, o diagrama é uma espécie de *exterioridade*, pois “não estão do lado de fora dos estratos, mas *são* o seu lado de fora.”(DELEUZE, 2005, p. 91) Por conta disso, ao se perguntar sobre a possibilidade de pensar um diagrama, Deleuze dirá que “se ver e falar são formas da exterioridade, pensar se dirige a um lado de fora que não tem forma. Pensar é chegar ao não-estratificado.”(ibidem, p. 93) Qualquer ato de *criação* implica a relação com algo que é por natureza sem forma. Não estamos longe da caracterização do *caos* em *O que é a filosofia?* e do crivo no caos que a criação filosófica realiza. De modo que não se cria um diagrama num gesto voluntário, mas se é, de certa forma, forçado a criar um⁹⁶.

Isso fica evidente se retomamos o estudo de Deleuze sobre Bacon, quando ele descreve o pintor como alguém que está “traçando marcas que não dependem mais da

94 Cf. DELEUZE; Gilles, GUATTARI, Félix. *Mil platôs – vol 2*. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 109.

95 “Um agenciamento está tanto mais próximo da máquina abstrata viva quanto mais abre e multiplica conexões, e traça um plano de consistência com seus quantificadores de intensidade e de consolidação. Mas se afasta dela na medida em que substitui as conexões criadoras por conjunções que criam bloqueios (axiomáticas), organizações que formam estrato (estratômetros), reterritorializações que produzem buraco negro (segmentômetros), conversões em linha de morte (deleômetros).” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c. p. 244)

96 Cf. DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005, p. 93.

nossa vontade nem da nossa visão.” (DELEUZE, 2007, p.104) É por isso que a pintura — mas também todas as operações diagramáticas — tem algo de perigoso. Trata-se de ocupar uma posição insólita entre o caótico e o atual, de modo que “não há pintor que não faça essa experiência do caos-germe, em que nada mais vê e corre o risco de perder-se: desmoronamento das coordenadas visuais.”(ibidem, pp. 104-105) A situação é perigosa justamente pelo fato de que se está jogando com aquilo que condiciona a própria sensibilidade (o ser *do* sensível) — o criador está lidando com aquilo que é o insensível por excelência. É preciso adquirir toda uma arte da prudência para evitar que a face abstrata do diagrama não acabe por destruir a operação⁹⁷. Em que consiste essa prudência? Bem, não há nenhuma regra prévia, nem poderia haver. O único critério é uma certa consistência, ou seja, a construção de equilíbrio ao produzir uma inseparabilidade de elementos heterogêneos⁹⁸. É por isso que “o essencial do diagrama é que ele é feito para que alguma coisa *surja*, e ele fracassa se nada surgir.”(ibidem, p. 160) Não é surpreendente que Guattari chame o diagrama de *máquina autopoética*, ainda mais se considerarmos o caráter *efetivo* dessa máquina.⁹⁹

Dito isso, podemos agora retornar à hipótese em questão: que a prática filosófica se ilumina a partir da explicação do conceito de diagrama. Em nenhum momento os autores chegam a afirmar isso, ainda que, em *O que é a filosofia?* os autores descrevam o movimento de instauração do plano de imanência como algo que é feito por *traços diagramáticos*. Em primeiro lugar, portanto, é preciso deixar claro que quando falo da filosofia a partir do diagrama quero dizer que o processo de criação conceitual tem algo de diagramático e que isso implica não só o conceito propriamente dito, mas o plano de imanência e o personagem conceitual ligados a esse conceito. É essa unidade que acredito ser diagramática. Se vejo interesse nessa aproximação, porém, é porque ela nos

97 “É preciso que o diagrama não corra todo o quadro, que permaneça limitado no espaço e no tempo: que permaneça operatório e controlado; que os meios violentos não se desencadeiem, e que a catástrofe necessária não inunde tudo. O diagrama é uma possibilidade de fato e não o fato em si mesmo.” (DELEUZE, 2007, pp. 111-112)

98 GUATTARI, Félix. *Caosmose*. São Paulo: Editora 34, 2012b, p. 55.

99 “Claro, existe um domínio em que os signos encontram uma eficácia direta sobre as coisas, — é aquele das verdadeiras ciências experimentais, que põem em jogo toda uma tecnologia material e todo um tratamento complexo das máquinas de signos. É isso que nos levará em outro ponto a distingui-las dos sistemas significantes e as classificar sob a rubrica de semióticas a-significantes”. (GUATTARI, 2012a, pp. 205-206, *tradução nossa*) Mas também: “O objeto do complexo matemática-física não é físico; ele não se provém nem da natureza do físico nem do físico como natureza. O maquinismo articula o físico e as matemáticas; ele trabalha tanto com o ‘signo’ como também com a ‘partícula’. A partícula é definida por uma cadeia de signos. Os físicos ‘inventam’ as partículas que não existiam na ‘natureza’. Acabou-se a natureza anterior à máquina. A máquina produz uma outra natureza, e para produzi-la, ela desenha, ela trabalha com os signos (processo diagramático).” (Ibidem, p. 478, *tradução nossa*)

permite ver a prática filosófica com respeito à sua eficácia, ou seja, a efetividade daquilo que ela produz.

Podemos, pois, identificar dois elementos principais que justificariam essa conjugação: o primeiro está relacionado aos efeitos produzidos e o segundo a uma semelhança formal entre diagrama e conceito. Dessa forma, a primeira razão pela qual acredito ser possível identificar o conceito ao diagrama é que este encontra sua eficácia justamente na sua capacidade de falar sobre aquilo que ainda não tem forma, mas que, ainda assim, está presente sob a forma de uma demanda. Acima vimos que a atividade filosófica procura lidar com a obsolescência das nossas categorias e nossos conceitos prévios diante de alguma experiência que os excede. Outra forma de compreender esse excesso é sob a forma de um possível — ou como uma *tendência* — que escapa às nossas formas habituais de compreensão da realidade. A prática filosófica seria um esforço de precipitar os possíveis (ou tendências) que se encontram presentes de modo latente. Na ausência de uma figuração desse excesso, a tarefa positiva que resta ao filósofo é a própria construção de conceitos que procuram dar conta desse excesso constituindo, nesse movimento, novas condições de experiência que possam acolher os movimentos tendenciais. Importante lembrar, porém, que não há *critério prévio*, pois o que interessa é apenas que consigamos navegar a partir dessas novas condições e não simplesmente representá-las. O critério que existe para avaliar os conceitos reside, portanto, numa esfera pragmática: na sua capacidade de construir outros conceitos e categorias que nos permitam lidar com aquilo que antes nos excedia, ou seja, ao reordenar a maneira como concebemos a realidade de modo a permitir a navegação.

O diagrama, como vimos, é um mecanismo que não apenas torna visível, mas *constitui* as condições da realidade ao entrelaçar formas de conteúdo e formas de expressão. As coisas não apenas *aparecem* de tal forma, como passam a se ordenar e funcionar de determinada maneira. Isso não significa, porém, que um diagrama exista de maneira absolutamente estável, condenado a persistir indefinidamente. Há um movimento de desgaste, como apontam Deleuze e Guattari, que faz com que diagramas caduquem na medida em que não conseguem mais dar conta das tendências da própria realidade. Os diagramas desgastados dão lugar a novos diagramas que se instauram no momento em que operam um novo recorte do real a partir do que se encontra latente. Ora, trata-se de um movimento bem similar àquele que ocorre na prática filosófica.

É a partir desse ponto que fica claro o nosso interesse em falar do conceito como diagrama. Se o conceito puder ser pensado junto ao diagrama, torna-se possível pensar um novo tipo de ação que não depende de um quadro conceitual presente e já estabilizado a ponto de coordenar (e condenar) a nossa relação com o mundo e o campo de ação possível. A filosofia seria uma via para agir diretamente na produção de condições de existência que possam mais interessantes para nós *por meio* de uma criação de conceitos-diagramas.

Com isso em mente, se, por um lado, o diagrama permite entender a eficácia do conceito, o conceito permite compreender o processo de criação de diagramas. Isso se torna mais evidente se atentarmos para a segundo elemento que relacionaria conceitos e diagramas, sua semelhança formal. Como vimos, o diagrama, é composto de uma face abstrata e de uma face concreta, sem que ele possa ser reduzido a qualquer uma delas. Podemos dizer que é justamente o seu movimento entre um plano caótico e um plano atual que constitui essa sua dupla face e que configura a sua estrutura formal. Ora, também encontraremos esse mesmo tipo de estrutura na criação conceitual. Quando se opera um recorte no caos, consegue-se ir da variação contínua — onde as relações fazem e se desfazem continuamente — em velocidade infinita do plano caótico a uma zona estável e finita onde um traço intensivo percorre essa zona em uma velocidade infinita¹⁰⁰. Essa face abstrata (voltada para o caótico) da criação filosófica é justamente o movimento de instauração de um plano de imanência, que é, não por acaso, o *impensado* do pensamento. Assim como a face abstrata do diagrama é sem forma por ser aquilo que dá forma, o plano de imanência é, na atividade filosófica, aquilo que condiciona um conceito sem que ela própria possa ser explicitada¹⁰¹. Só podemos falar do plano a partir dos conceitos que são criados nele. Nesse sentido vê-se que o conceito, como aquilo que se vê do plano, sua superfície, o que o povoa, seria o equivalente à face concreta do diagrama. É preciso repetir, em nenhum dos casos uma das faces precede a outra.

Mas essa face concreta que é o conceito, por sua vez, não é nenhum objeto físico (no sentido ao qual uma vã filosofia fisicalista se ateria). Trata-se de algo que, como o diagrama, se encontra distribuído de maneira diferencial pela realidade. Quando falamos da existência de um conceito, como o *conatus* espinosano, por exemplo, não queremos

100 Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2007, p. 33

101 É por isso que Deleuze e Guattari dirão que “O plano de imanência é ao mesmo tempo o que deve ser pensado e o que não pode ser pensado.” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 78)

dizer que existe em cada pessoa um *conatus* — ou que cada pessoa *é um conatus* —, ou mesmo uma ladainha que fica repetindo eternamente “*estou perseverando em meu ser*”. É como se a partir da criação desse conceito — e da sua disseminação — uma série de experiências passassem a ser concebidas a partir desse conceito. Não é que um corpo não buscase perpetuar a sua existência antes desse conceito ser criado, mas a partir do momento que esse conceito é criado uma *nova perspectiva* das coisas surge. O acontecimento que ocorre — quando ocorre, isto é, quando é forte o suficiente — opera uma redistribuição das coisas a partir do elemento novo que ele traz à luz. No caso, podemos dizer que é o mundo que se abre com o *conatus*, é um mundo em que não faça mais sentido a distinção entre uma natureza inorgânica passiva e uma natureza orgânica ativa, por exemplo. Isso me parece extremamente próximo da maneira como Deleuze descreve, em *Francis Bacon*, o funcionamento do diagrama na pintura, já que se trata do “conjunto operatório das linhas e zonas, dos traços e manchas assignificantes e não representativos. E a operação do diagrama, sua função, diz Bacon, é ‘sugerir’. Ou, mais rigorosamente, introduzir ‘possibilidades de fato’” (DELEUZE, 2007, p. 104) O conceito, assim como o diagrama, portanto, tem esse mesmo efeito de, em sua criação, abrir uma nova possibilidade de organização das relações do mundo — ainda que conceito e diagrama operem em âmbitos distintos do real, o primeiro no âmbito das coisas e o segundo nos regimes de signos, sempre respondendo a problemas e escalas diferentes. Ainda assim, é possível afirmar que ambos operam um corte que instaura (a possibilidade de) um novo mundo. É dessa forma, portanto, que acredito ser possível dizer que um conceito se encontra distribuído pela realidade.

O conceito, além disso, possui o mesmo movimento — isto é, funcionamento específico — que o diagrama. Também o conceito opera a partir da dissolução de conceitos desgastados e velhos (a imagem de pensamento tradicional, por exemplo). A atividade filosófica passa inevitavelmente pela demonstração de que certos problemas que nos ocupam são apenas falsos problemas e como acabam emperrando a compreensão ou a experiência de certas experiências. Dessa dissolução, passamos à sua face positiva. Se o diagrama realiza sua criação ao entrelaçar uma forma de conteúdo a uma forma de expressão, não estamos muito longe do construtivismo do conceito.

Dissemos já que um conceito *nomeia um acontecimento*, e que nesse movimento se opera um recorte no tempo que faz com que um novo tempo apareça. Poderíamos dizer que a maneira como esse acontecimento se produz é a partir de uma

redeterminação da forma de conteúdo e da forma de expressão, ou seja, dos sistemas de signos e sistemas de corpos. Um conceito acaba sempre gerando novas regras para repartir as multiplicidades materiais e funcionais, modificando assim as condições de experiência da realidade. É por isso que se trata de um novo mundo, uma nova perspectiva, pois a navegação nessa nova perspectiva passa por outra disposição dos elementos materiais e semióticos.

É pelas razões que foram esboçadas acima que acredito ser fecundo pensar o conceito à luz de certos elementos do diagrama, ainda que nem Deleuze ou Guattari tenham feito essa relação diretamente em nenhum ponto. O conceito, como o diagrama, produz uma nova perspectiva ao destruir e (re)construir os elementos presentes na realidade atual. Trata-se de um movimento de *redeterminação* do atual a partir da experiência de que conceitos que já foram reais — isto é, que em sua criação foram necessários — se tornaram morais — isto é, formas desgastadas que já não dão mais conta dos movimentos reais.

*

É por isso que é possível dizer que a filosofia é uma prática que acaba, por seus movimentos construtivos e destrutivos, produzindo uma *variação no real*. Como diz Patrice Maniglier em seu ensaio *Manifesto para um comparatismo superior*, “filosofar é levar em conta o novo.” (MANIGLIER, 2013, p. 257) Isso significa que a filosofia passa pela experiência de algo que não cabe nas nossas categorias. Esse impulso, que só pode vir de fora — e mesmo quando vem de dentro, não deixa de ser de um exterior interior a nós mesmos —, é que nos obriga a pôr em questão as categorias que repartem o nosso mundo e que utilizamos para conseguir nos orientar nele. É dessa experiência de insuficiência que nasce a filosofia. Mas se falei que há uma variação do real que é produzida a partir desse encontro é porque são essas categorias que dispõem e organizam as multiplicidades do mundo — elas funcionam como a sua gramática. Nesse sentido, diante de algo novo, nós somos obrigados a *reconstruir* as nossas categorias para conseguir dar conta dessa novidade. Mas ao mesmo tempo não se trata de um corte completo e é também por isso que falamos de *variação*.¹⁰² Só podemos construir conceitos a partir daquilo que temos a mão, daí ser possível dizer que há uma

102 Para entender o por quê dessa impossibilidade de variação Cf. MANIGLIER, Patrice. “Manifesto para um comparatismo superior em filosofia” in: *Veritas*, v. 58, n. 2, 2013, p. 257. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/16645/10914>>. Acesso em 4 out 2017, pp. 253-257

bricolagem presente na criação filosófica. O que emerge dessa operação, quando bem sucedida, é uma outra realidade, visto que a gramática da existência foi alterada [variada]. Produz-se aí uma nova “possibilidade de mundo”. É como se estivesse agindo aí um efeito *psicotrópico* na medida em que se expande e transforma os limites experimentados da realidade.

Bibliografia:

BATT, Noëlle. “L’expérience diagrammatique: vers un nouveau régime de pensée” in: *Théorie, Littérature, Enseignement*. Paris: Presses Universitaires de Vincennes. n. 22, 2004

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

_____. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

_____. “Écrivain non: un nouveau cartographe” in: *Critique*. Paris: Éditions de Minuit, n. 343, 1975.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. São Paulo: Editora 34, 2007.

_____. *Mil Platôs* – vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. *Mil Platôs* - vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. *Mil Platôs* - vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2012a.

_____. *Mil Platôs* - vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012b.

_____. *Mil Platôs* - vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2012c.

GUATTARI, Félix. *La révolution moleculaire*. Paris: Les Prairies ordinaires, 2012a.

_____. *Caosmose*. São Paulo: Editora 34, 2012b.

HJEMSLEV, Louis. *Ensaios linguísticos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

MANIGLIER, Patrice. “Manifesto para um comparatismo superior em filosofia” in: *Veritas*, v. 58, n. 2, 2013, p. 257. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/16645/10914>>.

Acesso em 4 out 2017.

ROQUE, Tatiana. “Sobre a noção de diagrama: matemática, semiótica e as lutas minoritárias” in: *Revista Trágica*. Rio de Janeiro: UFRJ. V. 8, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://tragica.org/artigos/v8n1/roque.pdf>>. Acesso em: 13 out 2017.

ZOURABICHVILLI, François. *Deleuze, uma filosofia do acontecimento*. São Paulo: Editora34, 2016.